

Valor 1000: No Norte e Centro-Oeste, após a “supersafra”, a desaceleração

A expectativa é de desempenho positivo das economias em 2024, mas com menos vigor, e de aceleração em 2025

A atividade econômica tende a perder ritmo nas **regiões Norte e Centro-Oeste** ao longo deste ano, refletindo principalmente a desaceleração relativa esperada para a agropecuária depois de um ciclo de recordes na produção dos principais grãos. Mas as projeções sugerem alguma aceleração para 2025.

“O Centro-Oeste colheu uma safra espetacular em 2023 e experimentou uma redução neste ano, reverberando sobre a economia como um todo na região”, avalia Thais Zara, economista sênior da LCA Consultores. Beneficiada pela “**supersafra**” de 2023, quando a agropecuária saltou 22,2%, a região tende a registrar desaceleração mais intensa neste ano, reforça Gabriel Couto, economista do Santander. O diagnóstico é o mesmo de Camila Saito, analista da Tendências: “O cenário indica um desempenho mais modesto para a região neste ano”.

Na avaliação dos três economistas, o Norte tende a apresentar um avanço mais robusto em 2024 quando comparado ao Centro-Oeste, com impactos mais positivos da indústria e dos serviços, embora também em desaceleração em relação ao ano anterior. O Produto Interno Bruto (PIB) havia crescido entre 4,1% e 4,8% no Norte em 2023, nas estimativas do Santander e da LCA, e deve avançar entre 2,1%, na versão da LCA, e 3,3%, de acordo com o Santander, percentual que se aproxima daquele esperado pela Tendências, ao redor de 3,2%. Depois de registrar um salto de quase 6% no ano passado, o PIB do Centro-Oeste tende a crescer menos, por volta de 2,4% neste ano, na versão mais otimista do Santander. Zara e Saito antecipam, respectivamente, variações de apenas 0,2% a 1,5%.

Segunda melhor empresa do agronegócio e quinta maior em receita líquida no ranking das regiões Norte e Centro-Oeste, a Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo) teve seus resultados afetados pela queda de preços no setor agrícola, mas manteve a decisão de continuar investindo, programando a instalação, entre outros projetos, de uma nova planta de processamento de soja. Anunciada em abril deste ano, a nova indústria terá capacidade para processar cinco mil toneladas do grão por dia e deverá receber investimentos de R\$ 1,3 bilhão, com operação prevista para o fim de 2026, em Palmeiras de Goiás (GO).

A receita operacional líquida baixou de R\$ 15,316 bilhões, um recorde em termos nominais, para R\$ 12,766 bilhões entre 2022 e 2023, nível considerado ainda elevado por Antônio Chavaglia, presidente do conselho de administração da Comigo. O cenário para este ano tem se mostrado mais desafiador e a expectativa é de que o faturamento não alcance os níveis de 2023. “Mas o resultado ainda será positivo, considerando as dificuldades do ano”, comenta ele, acrescentando que o resultado líquido se aproximou de R\$ 400 milhões no primeiro semestre.

Depois de elevar suas receitas em 14,1% no ano passado, com salto de 45,4% no resultado líquido, a Saneamento de Goiás S.A. (Saneago) espera crescer mais 5,4% neste ano, elevando as receitas para R\$ 3,456 bilhões. O lucro líquido está projetado em R\$ 679,5 milhões, subindo 16,4% diante de R\$ 583,8 milhões no ano passado. Os investimentos, estimados em R\$ 853,3 milhões para 2024, devem avançar em torno de 2%, mas tendem a saltar 23,7% no próximo ano, para quase R\$ 1,056 bilhão.

A concessionária já adequou todos os seus contratos aos termos do novo Marco Legal do Saneamento, incluindo metas de universalização obrigatórias. O índice de perdas foi reduzido de 29,5% para 25% entre 2018 e 2023.

A Alunorte manteve a produção e venda de alumina estabilizadas em torno de 6,2 milhões de toneladas em 2023, depois de um período de turbulências geopolíticas que causaram queda nos preços do metal, redução nos volumes de extrusões e de reciclagem, além de alta de custos em 2022, comenta Carlos Neves, vice-presidente de operações de bauxita e alumina da Hydro. A receita líquida da Alunorte caiu 8,93% em 2023, para R\$ 10,244 bilhões, mas o prejuízo líquido recuou 21,2%, para R\$ 1,885 bilhão. No início de dezembro passado, a Hydro concluiu a venda de 30% da Alunorte e de sua participação de 5% na Mineração Rio do Norte (MRN), produtora de bauxita, num negócio de US\$ 1,110 bilhão, o que deverá reforçar a estratégia para 2025 e assegurar “melhor equilíbrio em relação à demanda de alumina”, afirma Neves, permitindo realocar capital para áreas consideradas essenciais para seu crescimento. Desde 2022, a Hydro anunciou investimentos superiores a R\$ 8,8 bilhões no país para descarbonizar sua operação.